



ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

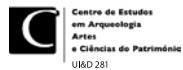
ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquineto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoa 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}C$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maças (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquitecturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das acções do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n.º 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Ivlia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patrícia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidadi*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenhos (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio García Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarda Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadeira sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 **Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica**
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 **O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória**
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 **Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa**
Mariana Santos
- 2069 **A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade**
Florbel Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 **Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?**
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 **Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte**
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 **Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface**
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 **“Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História**
Sara Brito
- 2125 **“Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia**
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 **O ensino da Arqueologia em Portugal**
Jacinta Bugalhão
- 2149 **O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema**
Ana Cristina Martins
- 2161 **Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego**
António Batarda Fernandes
- 2177 **Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica**
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 **Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses**
Ivo Santos
- 2199 **A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos**
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 **A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica**
Gertrudes Branco
- 2223 **IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos**
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 **O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino**
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovéllico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

EM BUSCA DA COLECÇÃO PERDIDA (1): VILA NOVA DE SÃO PEDRO NO MUSEU MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA

César Neves¹, José Morais Arnaud², Andrea Martins³, Mariana Diniz⁴

RESUMO

Desde 2016 que Vila Nova de São Pedro corresponde à temática central do projecto *VNSP 3000*, que procura reunir e analisar toda a informação relacionada com este sítio. Além do Museu Arqueológico do Carmo (MAC), tem-se vindo a contactar instituições que contam, nos seus acervos, com espólio arqueológico proveniente deste povoado Calcolítico. Perante estas colecções, tem sido adoptada a mesma metodologia usada no conjunto do MAC: inventariar; registar.

Entre os numerosos artefactos arqueológicos à guarda do Museu Municipal de Vila Franca de Xira, encontra-se uma pequena colecção proveniente de Vila Nova de São Pedro. Contabilizaram-se 149 elementos divididos entre Indústria Lítica (pedra lascada e pedra polida/afeiçoada) e Cerâmica. O destaque vai para o conjunto de pedra polida e afeiçoada, assim como para os pesos de tear em cerâmica.

Palavras-chave: Vila Nova de São Pedro; Calcolítico; Colecções de arqueologia; Cultura material; Vila Franca de Xira.

ABSTRACT

Since 2016, Vila Nova de São Pedro has been the central theme of the *VNSP 3000* research project, which seeks to gather and analyze all the information related to this site. In addition to the Carmo Archaeological Museum, has been made contacts with institutions that have archaeological remains from this Chalcolithic settlement in their collections. For these collections, it has been adopted the same methodology used at Carmo Museum: inventory and record.

Among the numerous archaeological artefacts of the Vila Franca de Xira Municipal Museum, there is a small collection from Vila Nova de São Pedro of 149 elements, divided between Lithic Industry (chipped stone and polished/ground stone tools) and Ceramics. The main items are the polished and ground stone set, as well as the loom weights in ceramics.

Keywords: Vila Nova de São Pedro; Chalcolithic; Archaeology collections; Material culture; Vila Franca de Xira.

1. Associação dos Arqueólogos Portugueses / UNIARQ – Faculdade de Letras – Universidade de Lisboa / c.augustoneves@gmail.com

2. Associação dos Arqueólogos Portugueses / jemarnaud@gmail.com

3. UNIARQ – Faculdade de Letras – Universidade de Lisboa / FCT / Associação dos Arqueólogos Portugueses / andrea.art@gmail.com

4. UNIARQ – Faculdade de Letras – Universidade de Lisboa / Associação dos Arqueólogos Portugueses / m.diniz@fl.ul.pt

UNIARQ financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito dos projectos UIDB/00698/2020 e UIDP/00698/2020.

*Em Portugal as monografias das estações arqueológicas
enfermam de uma lacuna generalizada:
não é indicado o destino do espólio exumado.
(...)*

*Tomemos por exemplo o castro de Vila Nova de São
Pedro. Onde está o espólio?*

*Parte aqui no Museu da Associação dos Arqueólogos
Portugueses. E a outra parte?*

(Gomes e Batista, 1991, p.367)

O. INTRODUÇÃO

O Museu Arqueológico do Carmo - MAC (Lisboa) conta, no seu acervo, com uma colecção de arqueologia proveniente de mais de 30 campanhas de escavação realizadas no povoado calcolítico de Vila Nova de São Pedro (Azambuja).

Desde 1937 até 1967, a Associação dos Arqueólogos Portugueses apoiou institucionalmente as escavações dirigidas por Afonso do Paço e Eugénio Jalhay, ficando, na sua sede no MAC, como fiel depositário dos numerosos elementos arqueológicos, de distinta natureza artefactual, recolhidos nas extensas campanhas. No entanto, apesar da grande maioria dos artefactos se encontrar depositada nesta instituição, uma parte não quantificada do espólio encontra-se dispersa por outras instituições nacionais e internacionais, dificultando a percepção da sua real dimensão, bem como o seu estudo integral. Esta dispersão resultou do facto de Paço e Jalhay enviarem, como era prática à época, pequenos mostruários/*kits* para museus e instituições de ensino nacionais e internacionais, de forma a divulgar Vila Nova de São Pedro e, também, permitir o estudo por comparação com outros sítios arqueológicos.

Além destas ofertas promovidas por A. Paço e E. Jalhay a diversas instituições, também existem colecções fora do MAC, geradas por outras vias. Uma das mais frequentes resulta de doações pessoais feitas por eruditos e outros interessados na temática, que terão passado por Vila Nova de São Pedro no decorrer das intervenções ou em mera visita posterior, tendo recolhido e reunido espólio para usufruto pessoal e que, depois, doaram a instituições museográficas. Desde 2016 que Vila Nova de São Pedro é a temática central de um projecto de investigação – VN3000 – que procura reunir e analisar toda a informação arqueológica relacionada com este sítio, devolvendo-o ao debate acerca do 3º milénio AC na Península Ibé-

rica. É neste âmbito que, até à data, foram já identificadas mais de uma dezena de instituições que contam, nos seus acervos, com espólio arqueológico proveniente deste povoado calcolítico.

Este texto corresponde à apresentação dos artefactos arqueológicos provenientes de VN3000 que se encontram à guarda do Museu Municipal de Vila Franca de Xira. Trata-se de uma pequena colecção composta por 149 elementos, divididos entre Indústria Lítica (pedra lascada e pedra polida/afeiçoada) e Cerâmica. O principal destaque vai para o conjunto de pedra polida e afeiçoada, assim como para os pesos de tear em cerâmica.

Embora se reconheça um conjunto de limitações arqueográficas associadas a este tipo de colecções – nomeadamente a ausência de contexto arqueológico preciso – com este texto, pretende-se dar início ao estudo e publicação das colecções dispersas de Vila Nova de São Pedro, procurando a desejada leitura de conjunto em torno de um dos icónicos sítios do Calcolítico peninsular, ao mesmo tempo em que se reflecte acerca dos discursos narrativos e partilha de conhecimento que as instituições museográficas constroem a partir das suas colecções e peças que optam por expor.

1. VILA NOVA DE SÃO PEDRO

O sítio arqueológico de Vila Nova de São Pedro (VN3000), localiza-se na parte nordeste do concelho de Azambuja, a cerca de 55 km a Norte de Lisboa, junto à localidade do mesmo nome, integrada na União de Freguesias de Manique do Intendente, Vila Nova de São Pedro e Maçussa.

Localizado numa área planáltica, altimetricamente, situa-se a c.100m acima do nível médio das águas do mar, numa implantação claramente estratégica, com a toponímia a designar esta área como “Cabeço do Castelo”.

O sítio implanta-se num promontório destacado na paisagem, definido a Ocidente pela ribeira de Almoester, a Norte e Oriente por uma linha de água, de menor expressão, e que oferece condições naturais de defesa, com excepção do acesso Sul, pelo qual se faz, actualmente, o acesso ao sítio arqueológico. A implantação reflectirá não só uma preocupação defensiva, observável nas três linhas de muralha identificadas, mas, também, a necessidade de controle da circulação de pessoas, animais e bens ao longo de uma vasta área.

O seu reconhecimento como contexto arqueológico ocupado durante a Pré-História tornou-se oficial em 1936, após uma pequena campanha de escavações dirigida por Hipólito Cabaço. A partir do ano seguinte Eugénio Jalhay e Afonso do Paço assumem, como dupla, a direcção dos trabalhos de escavação até 1950, ano da morte do arqueólogo e padre jesuíta. A partir daí, até 1967, Afonso do Paço encabeça a coordenação da escavação arqueológica de VNSP, com a participação de diversos investigadores.

Os materiais arqueológicos e as estruturas identificadas desde as primeiras sondagens arqueológicas, as leituras estratigráficas e análises dos contextos preservados que têm vindo a ser observadas durante as campanhas arqueológicas desenvolvidas no âmbito do projecto VNSP3000 – suportados pelo quadro cronológico radiométrico em constante construção – permitem enquadrar este sítio no período Calcolítico – 3º milénio a.C. (c. 2800-2000 cal AC.), tendo ocupação conhecida até ao início da Idade do Bronze (Martins, *et al* 2019; Neves, *et al*, 2021).

Considerado como um dos povoados calcolíticos ícones da pré-história europeia, Vila Nova de São Pedro foi classificado como Monumento Nacional em 1971 (Decreto nº 516/71, DG, 1ª série, nº274 de 22 de Novembro de 1971 (Figura 1).

2. OBJECTIVOS E METODOLOGIA

Perante estas colecções, que apresentam artefactos arqueológicos provenientes de Vila Nova de São Pedro, tem sido adoptada a mesma metodologia usada na colecção do MAC: consultar os elementos; contabilizar; inventariar; registar.

Após a informação que existe espólio de VNSP à guarda de uma instituição museológica, é feito um contacto formal para que a colecção possa ser observada e, aí, analisada. Depois da resposta positiva e com a autorização devidamente concedida, a equipa do projecto VNSP 3000 desloca-se ao local e, aí, procede ao inventário e registo do espólio. O registo fotográfico é feito a todos os elementos da colecção, enquanto o registo gráfico é produzido nos exemplares com maior informação culturalmente significativa ou em melhor estado de conservação.

O inventário, que é idêntico para todas as colecções de VNSP, independentemente da proveniência institucional, segue, de forma genérica, os seguintes critérios de descrição:

1. *Nº Inventário*
2. *Nº Saco* – Inventário por saco, mas as peças são contabilizadas individualmente
3. *Sítio* – Vila Nova de São Pedro / VNSP
4. *Campanha*
5. *Intervenção* – Escavação / Limpeza / Recolha Superfície
6. *Área*
7. *Sondagem*
8. *Quadricula*
9. *Unidade Estratigráfica / Camada / Nível / Estrato*
10. *Tipo* – *Tipo de artefacto* – Cerâmica / Lítico / Metal / Osso
11. *Estado* – Inteiro / Fragmentado
12. *Elemento conservado* – aplicável à cerâmica – Bordo / Bojo / E.p.s. / Fundo / Bordo e bojo / – aplicável aos líticos – Frag. proximal / Frag. mesial / Frag. distal / Indeterminado
13. *Número de fragmentos*
14. *Matéria-prima* – aplicável à Indústria Lítica
15. *Categoria* – Recipientes / Peso Tear / Ídolo “cornos” / “Queijeira” / Colher / Algaravizes / Argila cozida / Lasca / Lâmina / Lamela / Núcleo / Resto Talhe / Utensílio / Pedra polida / Pedra afeioada / Placa / Manuporte / Indeterminada
16. *Forma*
17. *Tipologia* – aplicável aos recipientes cerâmicos
18. *Técnica decorativa* – aplicável à cerâmica
19. *Classificação tipológica*
20. *Medidas*
 - 20.1. *Altura (mm)* – Máxima conservada; aplicável à Indústria Lítica (lascada e polida), artefactos em calcário, “ídolos de cornos”, contas, pendentes, artefactos em osso, pesos de tear; algaravizes; outros;
 - 20.2. *Largura (mm)* – Máxima conservada; aplicável à Indústria Lítica (lascada e polida), artefactos em calcário, “ídolos de cornos”, contas, pendentes, artefactos em osso, pesos de tear; algaravizes; outros;
 - 20.3. *Espessura (mm)* – Máxima conservada; aplicável à Indústria Lítica (lascada e polida), artefactos em calcário, “ídolos de cornos”, contas, pendentes, artefactos em osso, pesos de tear; algaravizes; outros;
21. *Observações* – Espaço reservado para a indicação de mais algum elemento característico do artefacto que não pôde ser descrito nos parâmetros da Ficha de Inventário. No caso particular dos objectos em cerâmica, é aqui que se indica do

número de fragmentos que compõe o artefacto, quando conserva mais que um fragmento mencionando, e se os fragmentos são susceptíveis, ou não, de colagem entre si.

Indicação da impossibilidade de se calcular os diâmetros e/ou orientação de um fragmento. Também é neste campo que se coloca o contexto de entrada do elemento artefactual na instituição museológica (ex: oferta), se já alvo de análise, publicação (referência bibliográfica), e se, no âmbito deste estudo foi registado por fotografia e desenho.

Por fim, os artefactos são integrados nas contagens gerais produzidas a partir do espólio do MAC, cruzando-se, sempre que possível, com as descrições que constam das diversas publicações de autoria de Eugénio Jalhay e Afonso do Paço.

3. A COLECÇÃO DE VNSP DO MUSEU MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA

3.1. Apresentação, descrição e classificação do conjunto

O Museu Municipal de Vila Franca de Xira tem à sua guarda 149 artefactos provenientes de Vila Nova de São Pedro. O conjunto está dividido por dois locais. Uma pequena parte, caracterizada por três pesos de tear, encontra-se no Núcleo Museológico do Mártir Santo fazendo parte da amostra expositiva que está aberta ao público. Os restantes encontram-se na reserva do Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira, juntamente com as restantes colecções de arqueologia depositadas neste município (Figura 2).

A forma como este pequeno espólio, proveniente de um sítio arqueológico localizado num concelho limítrofe, chegou à guarda do município de Vila Franca de Xira é nos desconhecida.

Não há registo da entrada dos artefactos no Museu Municipal de Vila Franca de Xira, embora seja de conhecimento interno que os artefactos provenientes de Vila Nova de São Pedro tenham sido oferecidos por Hipólito Cabaço, sem data oficial. De facto, Hipólito Cabaço, que como sócio correspondente da AAP dirigiu, em 1936, a 1ª campanha de escavações em VNSP (Paço e Jalhay, 1939), e, dessa forma, manteve em sua posse abundantes artefactos desse sítio, tinha por hábito oferecer espólio arqueológico da “sua” colecção a instituições museográficas. O actual Museu Nacional de Arqueologia, o Museu D. Lopo de Almeida (Abrantes) ou o Instituto de An-

tropologia da Universidade do Porto serão exemplos claros dessa prática (Raposo, 2017, p.26). Situação idêntica terá ocorrido com a Biblioteca-Museu de Vila Franca de Xira, onde “... existem numerosas peças que Hipólito Cabaço lá depositou.” (Pereira, 1970, p.194). Neste mesmo relato, devido possivelmente à proximidade com Alenquer e aliado a um hábito seu em verificar *in loco* obras públicas em curso (nomeadamente em Alenquer), tomamos conhecimento que Cabaço se terá deslocado a Vila Franca de Xira para, de forma voluntária, acompanhar a abertura de valas para colocação de tubagens, com objectivo de identificar novos sítios e elementos arqueológicos (*Idem*, 1970, p.194; Raposo, 2017, p.15). A ligação a este concelho é igualmente descrita numa nota do seu epistolário, onde um responsável da Biblioteca de Vila Franca de Xira, além de agradecer a Hipólito Cabaço indicações sobre numismática, espera que o mesmo “...aproveitando a sua oferta (...) nos cederá alguns exemplares repetidos do seu medalheiro, os quais viriam enriquecer, extraordinariamente, a nossa referida colecção.” (a partir de Raposo, 2017, p.25). Este documento data de 8 de Abril de 1947, numa data anterior à abertura do Museu Municipal de Vila Franca de Xira – fundado a 30 de Dezembro de 1949 e aberto ao público a 7 de Julho de 1951 (Diário da República, 2007, p.1784) – e já posterior à venda de um número entre 13 mil e 15 mil peças arqueológicas do “seu” espólio à Câmara Municipal de Alenquer, em 1944, servindo de base ao futuro Museu Municipal dessa vila (mas que só viria a ser aberto em 1975) (Raposo, 2017, p.5). Desconhece-se se esta data é indicativa do momento da presumível oferta do espólio de VNSP a Vila Franca de Xira, mas sabe-se que na década de 50, Cabaço já estaria a residir em Abrantes onde continuou com a sua dedicação à Arqueologia (Pereira, 1970, p.195). Este apontamento da sua cronologia pode ser meramente especulativo, uma vez que logo após a sua morte foram ofertados materiais arqueológicos ao Museu Arqueológico do Carmo e ao actual Museu Geológico, confirmando que apesar da venda do espólio, em 1944, à CM de Alenquer, em 1970 ainda haveria material arqueológico de distintos sítios na sua residência (*Idem*, 1970, p.192).

Ao observar o estado dos materiais arqueológicos de VNSP à guarda do Museu Municipal de Vila Franca de Xira, parecem existir, pelo menos, duas situações distintas da proveniência desta pequena colecção.

Num pequeno subconjunto de 16 elementos, obser-

vam-se artefactos em bom estado de conservação, com os pesos de tear a apresentarem-se praticamente inteiros e os instrumentos em pedra polida e afeição a permitirem a aferição tipológica. O estado físico destes materiais e o facto de alguns dos elementos em pedra polida e afeição apresentarem uma marcação a tinta (“V.N.S.P” ou “V.N.S. Pedro”), de caligrafia idêntica a marcações que existem em alguns artefactos, provenientes de VNSP ou de outras estações arqueológicas, à guarda do Museu Arqueológico do Carmo e do Museu Municipal de Alenquer (MMA), indiciam que, tal como estes destas instituições, terão a sua proveniência da colecção de Hipólito Cabaço devendo, no caso de Vila Franca de Xira, terem sido ofertados por ele. À imagem dos elementos aqui em análise, esta marcação está, normalmente, presente no espólio lítico (pedra lascada [nos quartzitos], pedra polida e/ou afeição), existente no MAC e no MMA.

Como acima referido, deste subconjunto de 16 artefactos destacam-se três pesos de tear provenientes de VNSP que integram a exposição permanente desse espaço museográfico do Núcleo do Mártir Santo. Outra curiosidade reside no facto desses três artefactos serem a figura central de uns marcadores de livros que o Museu Municipal/Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira oferece aos seus visitantes, sem qualquer problema em indicar a origem desses elementos, apesar de provirem de um contexto arqueológico que pertence a outro concelho (Figura 3).

O restante conjunto (133 artefactos), mais numeroso e onde se incluem todos os fragmentos de recipientes cerâmicos, os escassos elementos de pedra lascada e, possivelmente, um instrumento em pedra polida muito fragmentado (o que impede a sua classificação tipológica), parece resultar de recolhas de superfície, oriundas de visita(s) fortuita(s) ao sítio arqueológico. Os artefactos apresentam algumas características que indiciam essa proposta, tais como o seu estado de conservação (muito fragmentados), aliada à presença elevada de bojos lisos que não seriam recolhidos em contexto de escavação, quer na primeira campanha realizada por Hipólito Cabaço, quer nas dirigidas por Eugénio Jalhay e Afonso do Paço. Apesar da sua menor apelatividade museográfica e de corresponderem a elementos que apresentavam algumas limitações para a sua definição tipológica, reconhece-se o seu interesse científico, dado que aqui procuraremos demonstrar.

3.2. Indústria lítica

3.2.1. Pedra lascada

Os materiais de pedra lascada têm escassa representação neste conjunto, correspondendo, unicamente, a sete elementos: um em quartzito; seis em sílex.

Quatro correspondem a subprodutos e restos de talhe, associados à fase de preparação/reavivamento ou matéria residual. Uma das esquirolas apresenta córtex e um outro caso poderá estar, mesmo, associado às etapas de manutenção e reavivamento de núcleos (*tablete* de reavivamento). Embora muito residuais, estas peças apresentam-se como indicadores seguros de preparação e manutenção pontual, no local, de blocos debitados (ausentes neste conjunto). Ao nível da fase plena de debitage, estão presentes três lascas de pequenas dimensões (não ultrapassam os 47mm de altura e os 29mm de largura). Relativamente à matéria-prima utilizada, duas das lascas foram produzidas em sílex e uma em quartzito. Através de observação macroscópica, identificaram-se possíveis de traços de utilização no bordo esquerdo de uma das lascas, o que poderá elevar este artefacto à categoria de utensílio *a posteriori*.

3.2.2. Pedra polida

O grupo da pedra polida é composto por oito elementos que apresentam, do ponto de vista tipológico e funcional, alguma diversidade interna apesar de, como constataremos adiante, existir alguma homogeneidade do ponto de vista formal dentro das diferentes categorias. O conjunto caracteriza-se pela presença de instrumentos acabados, estando ausentes elementos que possam corresponder ao processo de produção desta utensilagem.

As peças apresentam estados de conservação distintos, com um exemplar inteiro, um outro de perfil completo (mas com muitas zonas facturadas), e os restantes a classificarem-se como facturados (alguns com elevado grau de fragmentação), situação que poderá estar relacionada com a intensidade e grau de utilização a que estes elementos estiveram sujeitos, assim como por fenómenos pós-deposicionais que contribuíram, de igual modo, para a sua desagregação.

Os elementos artefactuais em pedra polida foram quase todos produzidos em anfibolito, com excepção de um exemplar feito em xisto. O anfibolito e o xisto correspondem a rochas que têm as suas fontes primárias em áreas afastadas de VNSP (nun-

ca inferiores a 55km de distância), sendo por isso matérias-primas claramente exógenas e cujo aprovisionamento só terá sido possível devido a evoluídos mecanismos sociais. Não será de afastar a hipótese da existência de blocos ou lingotes de anfibolito a chegarem mais perto de VNSP por transporte fluvial, ficando depositados em posição secundária nas extensas cascalheiras do Tejo. No entanto, esse trabalho de prospecção e identificação não foi ainda realizado, ficando esta leitura por comprovar.

Seguindo o critério de classificar o artefacto pela morfologia da sua extremidade distal, isto é, a sua área funcional e útil (Cooney e Mandal, 1998; Le Roux, 1999), tipologicamente, o conjunto caracteriza-se por três martelos, três enxós, um machado e um exemplar indeterminado.

O elemento indeterminado apresenta-se muito fragmentado, não estando preservada nenhuma das extremidades. Trata-se de um fragmento mesial, de secção sub-rectangular, polido em ambas as faces.

O único exemplar identificado como machado corresponde a um fragmento com a área distal conservada. Apresenta uma fractura perpendicular ao eixo maior da peça, o que impossibilita perceber a sua real dimensão.

Trata-se de um fragmento com cerca de 50mm de comprimento conservado, 65mm de largura máxima e 35mm de espessura conservada. Possui secção sub-circular, bordos convergentes, as duas superfícies polidas e alguns traços de picotado num dos bordos. Quanto ao gume, este encontra-se totalmente polido e convexo no que diz respeito à sua geometria.

Relativamente às peças com gumes de secção dissimétricos, as denominadas enxós, nesta colecção foram identificados três exemplares, nenhum completo. As fracturas encontram-se no corpo da peça, transversais ao gume, na zona mesial, não permitindo aferir o comprimento total nem o tipo de talão.

As matérias-primas seleccionadas foram o anfibolito em dois casos, e o xisto num outro elemento. O exemplar em xisto encontra-se em bastante mau estado de conservação, sendo que em uma das faces só se conserva o gume, observando-se aí uma factura que percorre todo corpo da peça. O gume não apresenta, macroscopicamente, marcas de uso. A face mais bem conservada está toda polida, num exemplar de corpo convexo e secção sub-rectangular. Ao nível das dimensões conservadas, regista-se uma altura de 69mm e 15mm de espessura, com a largura de 48mm a ser a única intacta e de caracterização fiável.

Nos exemplares em anfibolito, regista-se um com as medidas conservadas muito próximas do artefacto em xisto. Igualmente seccionado na zona mesial, a altura verificada é de 61mm, por 56mm de largura e 18mm de espessura. Trata-se de um utensílio de secção ligeiramente achatada e sub-rectangular e bordos paralelos, polido em todas as faces e bordos. Desconhece-se se o seu estado de conservação resulta, exclusivamente, da sua utilização. No entanto, são evidentes os intensos traços de uso no gume, demonstrando um grau de utilização elevado.

O último elemento desta categoria tem 118mm de altura e 41mm de largura conservada, completado por 20mm de espessura. As duas faces apresentam polimento nas áreas que não estão lascadas ou picotadas (que correspondem à maioria da área do corpo conservado). Em uma das faces a zona do gume encontra-se bastante fracturada, o que poderia condicionar a classificação tipológica deste artefacto. No entanto, a forma do perfil e a orientação do gume conservado remetem-no, claramente, para a função de enxó. A fractura longitudinal que seccionou o artefacto não permite caracterizá-lo quanto à sua morfologia e secção.

Observam-se três martelos neste conjunto, todos produzidos em anfibolito. As marcas de utilização que apresentam na área funcional apontam para esta classificação. Só um dos exemplares se encontra completo, com os restantes a terem uma fractura longitudinal face ao eixo da peça.

Morfologicamente, os três artefactos são muito idênticos, com corpo rectangular ou sub-rectangular, secção e talão rectangular. Os bordos são paralelos e, nos casos dos elementos facturados, parecem convergir ligeiramente na zona mais próxima da área funcional do utensílio. Os três elementos conservam o polimento em todas as faces, apesar do notório desgaste que apresentam, principalmente, nos bordos laterais.

Em dois dos exemplares, pela orientação do perfil, poderá sugerir-se que foram, inicialmente, enxós e que após o desgaste total do gume terão sido reaproveitados para outro tipo de utensílio e função. Esta reutilização e aproveitamento, até ao máximo limite exequível, é demonstrativa da relevância destes produtos nesta comunidade, principalmente – como é o caso – quando são manufacturados em matérias-primas obtidas a larga distância.

O exemplar intacto apresenta um comprimento de 94mm, por 64mm de largura e 27mm de espessura.

Os outros martelos têm dimensões muito idênticas (92mm e 97mm de comprimento; 34mm e 35mm de espessura), excepto na largura que é mais estreita que o martelo completo, devido à fractura longitudinal que ambos possuem (49mm e 42mm, respectivamente). Tal como se observou no grupo das enxós, também nas dimensões dos martelos se observa uma grande homogeneidade formal (Figura 4).

3.2.3. Pedra afeiçãoada

Para esta categoria foi possível identificar dois artefactos, um em quartzito e outro em calcário, ambos de pequenas dimensões, possivelmente para serem manipulados com uma só mão.

O elemento em quartzito corresponde a um seixo rolado, de morfologia discoidal (embora ligeiramente fracturado, mas que não inviabiliza a caracterização da sua forma e tamanho original: 72mm de largura por 32mm de espessura). Os bordos encontram-se em bruto, restando as duas superfícies activas como indicadores de conformação e utilização enquanto instrumento, nomeadamente um movente. Um dos bordos parece ter sinais de percussão, indiciando uma outra funcionalidade, a de percutor. Embora o quartzito não seja uma matéria-prima com origem local, existem áreas perto do sítio onde a recolha de seixos rolados em quartzito seria uma tarefa de reduzida dificuldade.

O artefacto em calcário corresponde a uma peça de excepcional qualidade, levando-nos a questionar se terá sido utilizada em ambiente doméstico ou se teria um outro propósito (futuro artefacto votivo?). O calcário corresponde ao substrato geológico local o que indicia que os artefactos identificados nesta matéria-prima sejam produzidos no local, para distintos fins (como por exemplo, os artefactos cilíndricos – sobre este tema ver Martins *et al*, 2020 e 2021; Rodrigues *et al*, 2022). Trata-se de um instrumento, com 69mm de altura, 55mm de largura e 50mm de espessura, que apresenta as superfícies e bordos totalmente afeiçãoados/polidos. A sua morfologia é subcilíndrica. Ocorre algum desgaste e lascamento nos bordos, mas que não indicia traços de uso (como percutor), mas sim de desgaste pós-deposicional (Figura 5).

A sua categoria artefactual levanta algumas questões. Parece muito bem trabalhado para corresponder a um movente (embora exista um exemplar morfologicamente idêntico na colecção de VNSP à guarda do MAC, com essa atribuição funcional – Arnaud e Fernandes, 2005, p.205 – mas sem o cuidado

ao nível do polimento que o artefacto do conjunto de Vila Franca de Xira apresenta), mas, por outro lado, a sua forma não parece ir ao encontro dos esferóides de calcário que surgem em outros contextos do 3º milénio AC. Neste particular, destaca-se a colecção do povoado fortificado de Leceia, e o seu estudo correspondente, com o tema da sua interpretação estar ainda em aberto e as propostas funcionais oscilarem entre projecteis, balas de funda, “bolas” de arremesso utilizadas na caça, marcas ou pedras de jogo, não excluindo uma finalidade mais simbólica/votiva quando as mesmas apresentam um acabamento particularmente cuidado (como parece tratar-se do exemplar em análise) (Cardoso, 2001/2002). Seguindo o critério dimensional atribuído pelo autor citado, a peça de Vila Nova de São Pedro ficaria inserida no grupo “esferóides de tamanho médio” (até cerca de 75mm de diâmetro máximo) (*Idem*, 2001/2002, p.78).

3.3. Cerâmica

3.3.1. Recipientes

A cerâmica corresponde à categoria artefactual mais representada no conjunto. No total, são 132 elementos, estando 120 associados a recipientes. Destes últimos, 80 correspondem a bojos totalmente lisos não sendo, por isso, possível reconstituir a morfologia e dimensão do vaso a que pertenceriam.

Desta forma, a informação cultural parte da análise de 35 bordos lisos e de cinco bojos decorados, os únicos do conjunto global dos recipientes. A significativa presença de fragmentos lisos dificulta a colagem entre elementos, assim como o cálculo aproximado do número mínimo de recipientes.

Um dos elementos decorados pertence a um vaso campaniforme, observável na impressão linear pontilhada composta por seis fiadas horizontais e paralelas entre si. Pela reduzida dimensão do fragmento desconhece-se se faria parte de um recipiente com uma temática decorativa mais diversificada. Ainda nas decorações, ocorrem quatro fragmentos decorados a incisão que, não sendo possível a colagem entre si, parecem corresponder a um mesmo recipiente. Todos apresentam pequenas caneluras paralelas e perpendiculares entre si, num registo técnico que se repete nestes fragmentos, aliado às características técnicas (pasta, cozedura, tratamento de superfície), igualmente semelhantes entre os elementos. No conjunto dos bojos lisos, existem dois fragmen-

tos com características técnicas e de composição da pasta/cozedura muito idênticas a este recipiente. No entanto, e uma vez mais, não se identificou qualquer colagem entre os elementos, impossibilitando a sua ligação efectiva.

A morfologia dos recipientes foi, assim, obtida pela observação aos bordos lisos. Dos 35 elementos analisados, em dois não foi possível obter qualquer informação quanto à forma, orientação e dimensão.

Quanto à forma, seis fragmentos integram a categoria dos recipientes fechados. As formas abertas estão representadas por 27 fragmentos de bordo.

As formas fechadas estão representadas por vasos e globulares, geralmente de bordo simples ou com o bordo espessado externamente. A reduzida dimensão da maioria dos elementos não permitiu uma reconstituição gráfica que pudesse ilustrar a sua provável configuração formal.

No que diz respeito aos recipientes de morfologia aberta, estes repartem-se, maioritariamente, por pratos e taças, com um claro domínio para estes últimos. Ocorre ainda um exemplar de paredes rectas, de média-grande dimensão, que corresponde a um vaso de bordo simples.

Nos pratos, identificados em seis exemplares, destacam-se os de bordo almendrado, bordo espessado externamente e de bordo simples. Relativamente às taças, estas apresentam uma maior heterogeneidade ao nível da tipologia do bordo. Estão presentes fragmentos de taças de bordo exvertido (as mais representadas, normalmente de lábio aplanado), de bordo espessado interna e externamente, outras com espessamento unicamente externo, de bordo introvertido e as clássicas de bordo simples (Figura 6 e 7).

3.3.2. Pesos de tear

Nesta colecção contam-se sete pesos/placas de tear que, tipologicamente, correspondem aos elementos identificados em Vila Nova de São Pedro e que parecem marcar a morfologia padrão dos artefactos desta categoria existentes nos contextos habitacionais do Calcolítico na Estremadura portuguesa (Paço, 1940; Diniz, 1994; Costeira, 2010-11; Arnaud, 2013; Martins, *et al*, 2020).

Pelo estado de conservação – por estarem fragmentados –, em três dos elementos não foi possível aferir a sua forma original nem determinar o número total de perfurações. Nos restantes quatro exemplares, três encontram-se totalmente intactos e um outro apresenta uma das superfícies bastante erodida, não

permitindo, neste caso, uma leitura total do perfil. Trata-se de exemplares de textura homogénea de pasta compacta.

As dimensões destes artefactos são muito próximas, promovendo uma maior homogeneidade a este pequeno conjunto. A altura e largura foram definidas pela observação das marcas de utilização existente nas perfurações. A orientação das mesmas indica a altura da peça. Assim, nos exemplares intactos, a altura máxima observada é de 81mm e a mais baixa de 68mm. Relativamente à largura, a maior verificase, igualmente, nos 81mm (num exemplar com 69 de altura), e a menor nos 61mm (no exemplar com a altura maior: 81mm). Só neste caso é que a diferença entre Altura e Largura atinge os 20mm. No geral, esta diferença situa-se entre os 12mm. Em dois casos só foi possível caracterizar a largura (70 e 71mm respectivamente), e em um exemplar não foi possível obter qualquer dado relativamente à sua dimensão (excepto na espessura).

Quanto à espessura, esta não ultrapassa os 24mm sendo os 17mm o valor mais delgado observado. Na maioria, em três exemplares, verificam-se as paredes com 20mm de espessura.

O peso só pode ser calculado nos exemplares intactos, com a média a situar-se nas 158g.

Quanto às superfícies, as mesmas apresentam-se sem qualquer tratamento, geralmente rugosas ou erodidas, sendo pouco visível algum sinal de alisamento. Ambas as superfícies dos exemplares apresentam o mesmo estado, sem qualquer tratamento diferenciado entre elas.

Pelo rigor dos atributos definidos pela geometria, seis das placas analisadas (os intactos e os fracturados cujo estado permite perceber qual a forma que teriam inteiros), apresentam uma forma rectangular, assim como o seu contorno. O elemento do conjunto em falta entra na categoria dos Indeterminados, pelo seu estado de conservação. No que diz respeito à forma da secção, estas apresentam-se rectangulares, sub-rectangulares e ovaladas. As arestas são, no geral, arredondadas e vincadas, e os cantos definem-se como angulosos e arredondados.

Nos quatro exemplares intactos o número de perfurações é de quatro, sendo essa a norma observada, até à data, nos elementos que já pudemos analisar da extensa colecção do MAC e em outros conjuntos provenientes de VNSP. Nos exemplares fracturados, observam-se três perfurações (num peso que teria, com grande segurança, quatro perfurações). Em um dos

elementos, registam-se duas perfurações conservadas e no outro uma só perfuração (no caso em que o exemplar apresenta pior estado de conservação).

O diâmetro da perfuração situa-se entre os 4-7mm, com o diâmetro máximo a ser registado nos casos onde são visíveis as marcas de utilização destes elementos, nomeadamente da sua presumível suspensão. Essa situação está presente de forma mais evidente em, pelo menos, cinco exemplares.

A distância das perfurações para as extremidades das peças nunca supera os 10mm, sendo a distância mais aproxima a de cerca de 5mm. A distância entre perfurações é, em média, de 35mm nos elementos mais próximos, e de 50mm nos elementos mais distantes. Só um destes componentes de tear apresenta decoração. Localizado numa única superfície e junto a uma das extremidades foi aplicado, com recurso à técnica de incisão, um motivo geométrico composto por 12 pequenos traços em ziguezague, com alguns a sobrepor-se. O peso em causa é um dos que se apresenta muito fragmentado o que não permite avaliar se existiriam mais motivos decorativos e qual a temática total que esta superfície tinha (Figura 8).

3.3.3. Outros elementos cerâmicos

Além dos artefactos acima referidos, o conjunto à guarda do Museu Municipal de Vila Franca de Xira conta, ainda, com quatro fragmentos que se inserem em outras categorias artefactuais, além das já mencionadas.

Dois elementos correspondem a fragmentos de bojo que, pela sua espessura e (ir)regularidade formal, deverão pertencer a um “Ídolo de Cornos”.

Surge, igualmente, um outro fragmento de bordo que remete para um “disco”. Pelo seu estado de conservação, desconhece-se se teria uma perfuração central que o remetia para a categoria de cossoiro, elemento com alguma representatividade na colecção de Vila Nova de São Pedro existente no Museu Arqueológico do Carmo. Associados a contextos a partir do Neolítico final, estes elementos cerâmicos sem qualquer perfuração e com uma forma discoide e achatada surgem ocasionalmente no registo arqueológico. Os autores têm-nos remetido para possíveis elementos de jogo ou, quando apresentam dimensões maiores, para possíveis tampas (Lago *et al.*, 1998, p. 100; Rodrigues, 2017, p.28; Valera, 2018, p.108).

Por fim, regista-se ainda um pequeno nódulo de argila cozida que não corresponderá a qualquer categoria artefactual.

3.4. Leitura (possível) de conjunto

Teorizar a partir de um (pequeno) conjunto artefactual, cujo contexto arqueológico é praticamente desconhecido, apresenta-se como uma tarefa difícil de cumprir. No entanto, o conhecimento produzido em torno de Vila Nova de São Pedro, quer nas escavações antigas quer pelo projecto VN3000, a que se acresce o progresso da investigação acerca do Calcolítico no espaço estremenho, possibilitam que espólios como o aqui analisado possam ter o seu espaço no debate científico.

Os 149 artefactos que integram o conjunto de VN3000 à guarda do Museu Municipal de Vila Franca de Xira enquadram-se no mundo cultural que caracteriza o 3º milénio AC no espaço peninsular. Não há um único objecto que remeta, de forma inequívoca, para períodos anteriores ou mais recentes. Por outro lado, reconhece-se que rareiam os elementos de diagnóstico. Neste particular, o artefacto mais destacado será o fragmento com decoração campaniforme e os pesos de tear. Estas duas categorias estão bem presentes no universo artefactual do sítio, desde as primeiras campanhas (Paço e Jalhay, 1939), às mais recentes, contando já com um suporte cronométrico que valida a sua presença em VN3000, pelo menos, a partir do 3º quartel do 3º milénio cal AC (Martins, *et al.*, 2019). Os restantes artefactos situam-se num mundo cultural mais genérico e pode percorrer a longa diacronia do Calcolítico sendo, por isso, mais difíceis de precisar no tempo. Os recipientes cerâmicos lisos correspondem a morfologias típicas deste período, não sendo específicas de nenhum momento em particular, registadas nos níveis de ocupação datados de VN3000.

A pedra polida corresponde a um dos grupos artefactuais mais bem representados em VN3000. Só no MAC estão contabilizados mais 570 exemplares de grande multiplicidade formal e tipológica/funcional, espelhando bem o peso, em VN3000, das actividades económicas e sociais que estão associadas a estes instrumentos. Sem, ainda, nenhum estudo especificamente centrado nestes elementos, e com poucos registos nos níveis arqueológicos identificados nas escavações desenvolvidas pelo projecto VN3000, torna-se ainda difícil proceder a um exercício analítico que permita observar possíveis evoluções e variabilidades tecno-tipológicas ao longo do Calcolítico, tal como já foi testado para outros povoados da Estremadura portuguesa (Cardoso, 2020).

4. NOTAS FINAIS E FUTURAS ESTRATÉGIAS

O conjunto artefactual aqui apresentado é uma pequena parte de um vasto universo de colecções que, à guarda de várias instituições, ajudam a contar as múltiplas histórias do sítio arqueológico de Vila Nova de São Pedro. Por um lado, reconhece-se a mais-valia científica que advém da própria natureza artefactual e que ajudará a construir/validar leituras interpretativas para a ocupação pré-histórica do local. Por outro lado, a forma como estes elementos se dispersaram por, pelo menos, mais de uma dezena de lugares corresponderá a um testemunho da evolução historiográfica deste sítio e do pensamento arqueológico que lhe esteve subjacente por cerca de 30 anos.

A extensão das campanhas arqueológicas desenvolvidas em VNSP entre 1937-1967, assim como a qualidade e heterogeneidade do espólio aí identificado, deram-lhe uma notoriedade científica internacional, tornando-o, à vista dos investigadores do domínio da Pré-História, no principal caso de estudo e referente óbvio do que seria o universo artefactual das comunidades pré-históricas (do Calcolítico), na Península Ibérica e, claro, no território nacional. É neste contexto em que as já mencionadas ofertas promovidas por Afonso Paço e Eugénio Jalhay a diversas instituições e colegas assumem particular importância, servindo como referencial analítico – por via da analogia tipológica – para outros contextos similares, quer a nível nacional como internacional.

A isto acrescenta-se o facto de Vila Nova de São Pedro ser, sempre (e ainda bem), um sítio aberto a todos, permitindo a sua visita recorrente e que, algumas vezes, terá levado a sucessivas recolhas de artefactos descontextualizados que, ainda hoje, se conseguem observar à superfície.

É neste contexto que surge a colecção à guarda do Museu Municipal de Vila Franca de Xira, que se constitui como um de muitos exemplos da disseminação do espólio de Vila Nova de São Pedro. Finda a sua inventariação e análise, o próximo passo será replicar esta abordagem aos conjuntos, ainda, desconhecidos. Além do estudo científico, no caso das instituições museográficas, importará perceber qual o peso que terão no discurso produzido (se, como em Vila Franca de Xira e no MAC, integram exposições permanentes/temporárias, ou se estão, unicamente, depositados nas Reservas), e, no caso particular dos exemplares que se encontram em instituições de ensino, se participam na formação dos alunos.

Reunir todo o espólio de VNSP num único local é uma tarefa utópica, quer pela dimensão da colecção, pela sua dispersão – ainda não totalmente conhecida, como pelo processo histórico em que os materiais foram distribuídos por diversas instituições. Estes materiais, acolhidos em museus e instituições, passaram a fazer parte dos discursos museográficos, bem como das próprias reservas, permitindo novos estudos e novas abordagens, continuando a divulgação de VNSP a públicos muito diversificados.

AGRADECIMENTOS

Agradece-se aos colegas do Museu Municipal de Vila Franca de Xira – Henrique Mendes, João Pimenta e Laura Rosado – o acesso, sem reservas, à colecção de Vila Nova de São Pedro depositada nessa instituição, bem como por toda a informação partilhada sobre o espólio analisado, assim como a confiança no nosso estudo e, agora, publicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Diário da República, 2.ª série – Nº 15 – 22 de Janeiro de 2007.

ARNAUD, José Morais (2013) – Reflexões em torno das placas de cerâmica com gravuras de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja). ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea e NEVES, César (coords.) *Arqueologia em Portugal – 150 Anos*. Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, pp. 447-455.

ARNAUD, José Morais; FERNANDES, Carla Varela, eds (2005) – *Construindo a Memória – As Colecções do Museu Arqueológico do Carmo*. Lisboa. Associação dos Arqueólogos Portugueses, 640 p.

CARDOSO, João Luis (2001/2002) – Os esferóides de calcário do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras) e suas possíveis finalidades, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 10, Câmara Municipal Oeiras, pp. 77-88.

CARDOSO, João Luis (2020) – Os artefactos de pedra polida do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras, Portugal). *Imobilidades: pessoas, recursos, objetos, sítios e territórios*, VILAÇA, Raquel; AGUIAR, Rodrigo Simas de (coord). Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 91-133.

COONEY, Gabriel & MANDAL, Stephen (1998) – *The Irish stone axe project*. Monograph 1. Wicklow: Wordwell, Ltd. 229 p.

COSTEIRA, Catarina (2010-2011) – Placas e crescentes – Análise de um conjunto de componentes de tear do sítio arqueológico de S. Pedro (Redondo), no 3º milénio a.n.e., *Arqueologia & História*, 62-63, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 23-37.

DINIZ, Mariana (1994) – Pesos de tear e tecelagem no calcolítico em Portugal. *1º Congresso de Arqueologia Peninsular*.

Actas IV. Trabalhos de Antropologia e Etnologia. Porto. 34: 3-4, pp. 133-149.

GOMES, João José Fernandes; Batista, José (1991) – Sítios arqueológicos representados no Museu Municipal de Hipólito Cabaço (Alenquer). 1. Estações fora de Alenquer. *Actas das IV Jornadas Arqueológicas*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 367-379.

LAGO, Miguel; DUARTE, Cidália; VALERA, António; ALBERGARIA, João; ALMEIDA, Francisco; CARVALHO, António F. (1998) – Povoado dos Perdighões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 45:152.

LE ROUX, Charles-Tanguy (1999) – *L'outillage de pierre polie enméta-doléríte du type A. Les ateliers de Plussulien (Côtes d'Armor): Production et diffusion au Néolithique dans la France de l'ouest et au-delà*. Travaux du Laboratoire "Anthropologie, Préhistoire et Quaternaire Armoricains", 43, UMR 6566 "Civilisations atlantiques et Archéosciences", Université de Rennes I.

MARTINS, Andrea; NEVES, César; DINIZ, Mariana; ARNAUD, José (2019) – O povoado calcolítico de Vila Nova de São Pedro (Azambuja). Notas sobre as campanhas de escavação de 2017 e 2018 *Arqueologia e História*, nº 69, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 133-167.

MARTINS, Andrea; NEVES, César; ARNAUD, José; DINIZ, Mariana (2020) – Os motivos zoomórficos representados nas placas de tear de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal). ARNAUD, José M.; NEVES, César; MARTINS, Andrea, coords. *Arqueologia em Portugal 2020 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 551-570.

MARTINS, Andrea; NEVES, César; DINIZ, Mariana; ARNAUD, José (2020) – Artefactos cilíndricos de Vila Nova de São Pedro – a colecção existente no Museu Arqueológico do Carmo (Lisboa). *Arqueologia & História*, 70, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 203-224.

MARTINS, Andrea; DINIZ, Mariana; NEVES, César; ARNAUD, José M. (2021) – O simbólico em Vila Nova de São Pedro: ídolos, estatuetas e simbologia. Bueno Ramirez, P. y Soler Díaz, J. (Coord.) – *Ídolos. Olhares Milenares – O Estado da Arte em Portugal*. Lisboa, Portugal: MNA e Imprensa Nacional: pp. 103-121.

NEVES, César; ARNAUD, José M.; DINIZ, Mariana; MARTINS, Andrea (2022) – O povoado calcolítico de Vila Nova de São Pedro (Azambuja). Notas sobre a campanha de escavação de 2019, *Arqueologia & História*, Vol. 71-72, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 159-184.

PAÇO, Afonso do (1940) – Placas de barro de Vila Nova de São Pedro, *Congresso do Mundo Português. Memórias e Comunicações apresentadas ao Congresso de Pré e Proto-História de Portugal*, 1, Lisboa, pp. 235-251.

PAÇO, Afonso; JALHAY, Eugénio (1939) – A póvoa eneolítica

de Vila Nova de S. Pedro: Notas sobre a 1ª e 2ª campanha – 1937 e 1938. *Brotéria*. Separata Lisboa. Vol. XXVIII: 6, pp. 2-46.

PEREIRA, Maria Amélia Horta (1970) – Hipólito Cabaço, *Arqueologia & História*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, 9ª Série, II, Lisboa, pp. 7-26.

RAPOSO, Raquel Dang Caçote (2017) – *Castelo de Alenquer: ensaio sobre a Colecção Hipólito Cabaço*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. FCSH. Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

RODRIGUES, Ana Luísa; MARQUES, Rosa; DIAS, Maria Isabel; PRUDÊNCIO, Maria Isabel; RUSSO, Dulce; DINIZ, Mariana; MARTINS, Andrea; NEVES, César; KASZTOVSZKY, Zsolt; HARSÁNYI, Ildiko; SZILÁGYI, Veronika; KOVÁCS, Imre; SZŐKEFALVI-NAGY, Zoltán (2022) – Fingerprinting pre-historical symbolic artefacts by a non-destructive methodological approach, *Journal of Radioanalytical and Nuclear Chemistry*, Springer, pp. 1588-2780.

RODRIGUES, Filipa (2017) – Quais as características dos artefactos recolhidos no recinto de fossos da Ponte da Azambuja 2 (Portel, Évora)? – Parte I: Análise dos materiais cerâmicos, *Arqueologia & História*, 66-67, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 19-42.

VALERA, António C. (2018) – Os materiais: abordagem tipológica. VALERA, A. C. (ed.) *Os Perdighões neolíticos. Gênese e desenvolvimento (de meados do 4º aos inícios do 3º milénio ac)*. Lisboa, NIA, pp. 83-153.



Figura 1 – Sítio arqueológico de Vila Nova de São Pedro (Arquivo: VN3000).



Figura 2 – Museu Municipal de Vila Franca de Xira – Núcleo Museológico do Mártir Santo. À direita da imagem, três pesos de tear de Vila Nova de São Pedro que integram a exposição permanente (imagem retirada de: <https://www.cm-vfxira.pt/>).

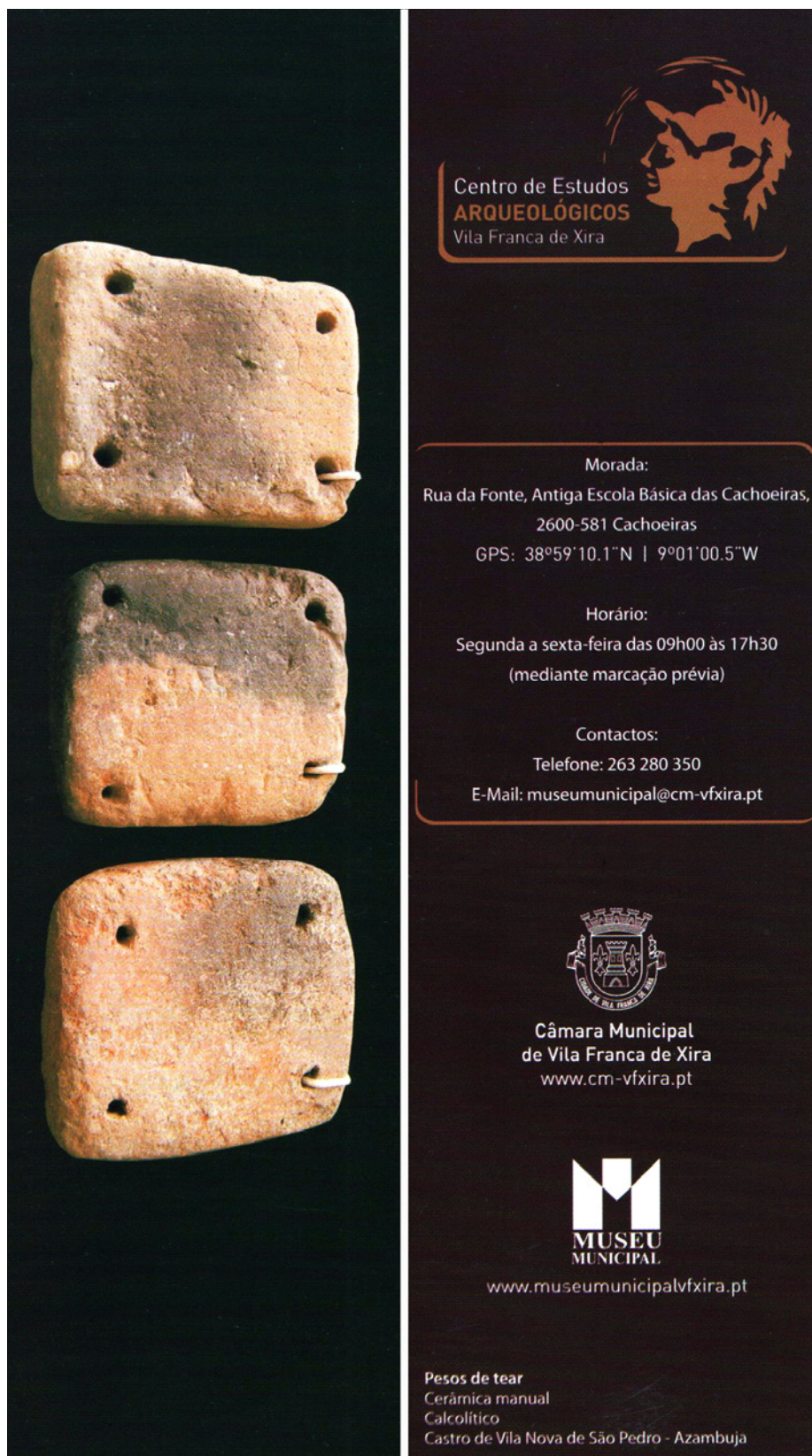
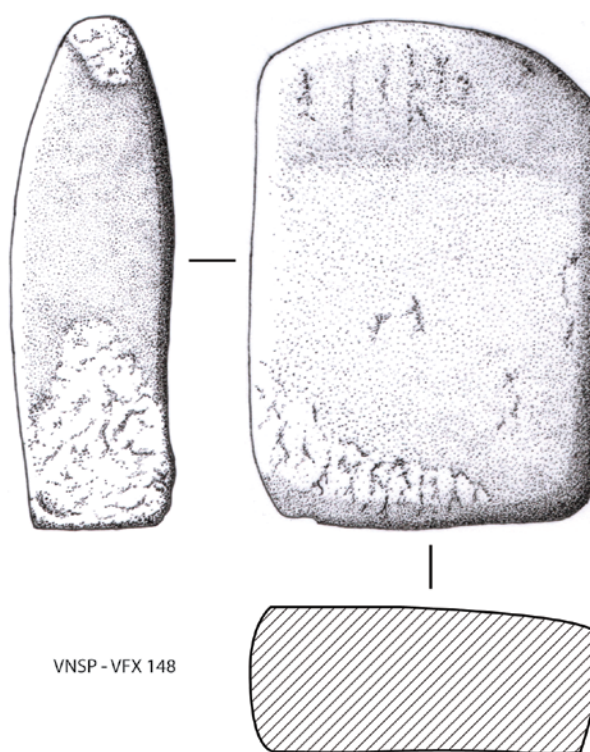
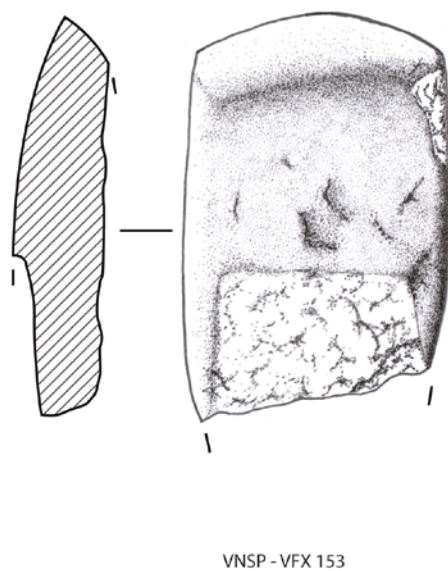
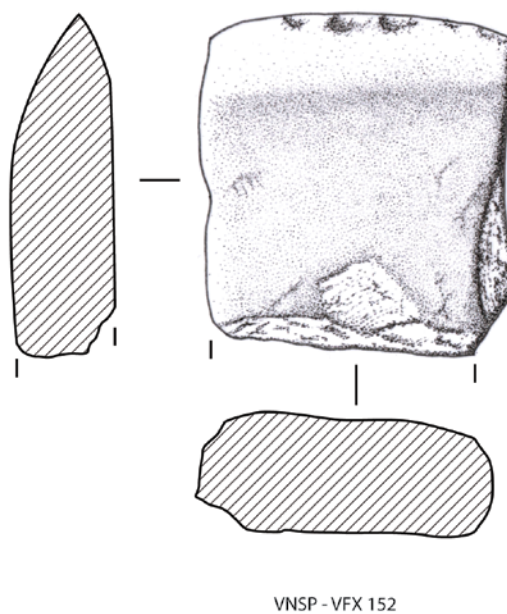
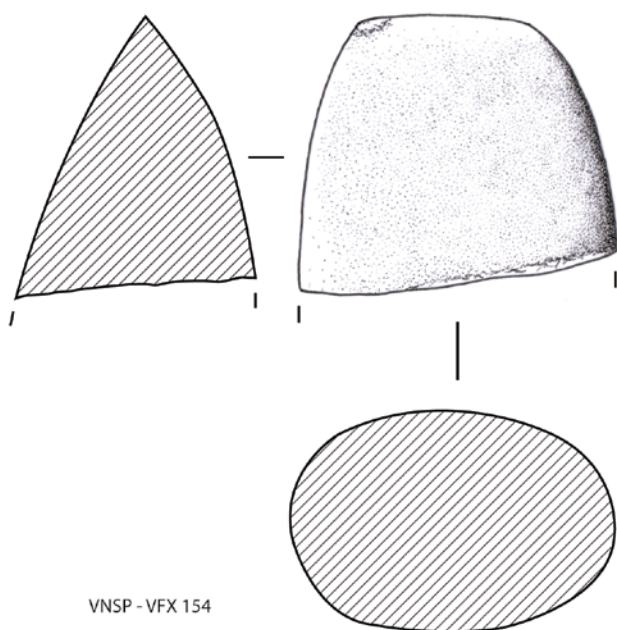


Figura 3 – Marcador de livro do Museu Municipal de Vila Franca com a imagem de três pesos de tear de Vila Nova de São Pedro, devidamente mencionados (imagem da frente e verso) (imagem retirada de: <https://www.cm-vfxira.pt/>).



0 3 cm

Figura 4 – Pedra polida: machado; enxós; martelo.



Figura 5 – Pedra afeiçoada: polidor/percutor em calcário com a marcação antiga indicando a proveniência do sítio arqueológico (“V.N.S.P”).

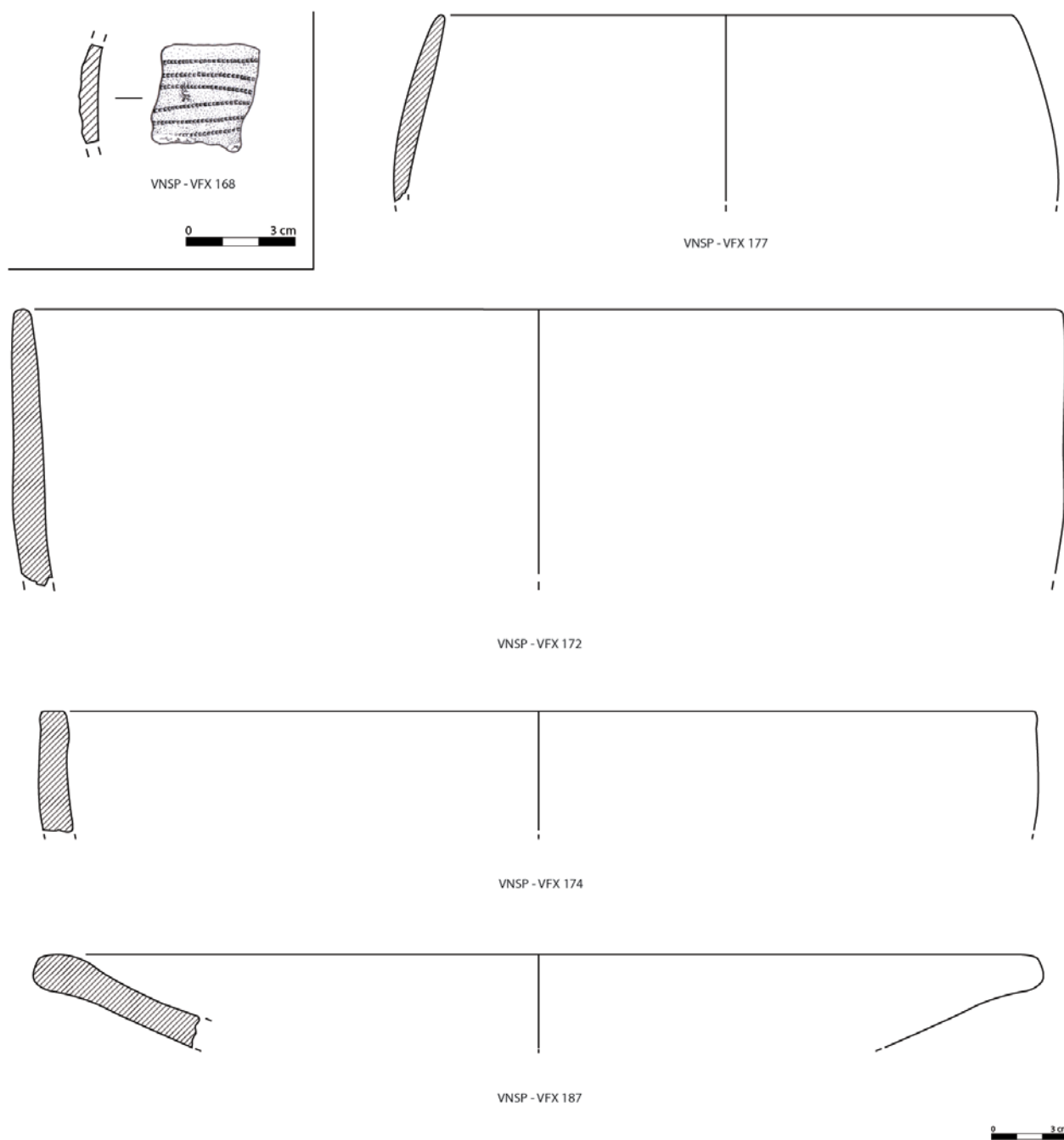


Figura 6 – Cerâmica: recipientes lisos, excepto o exemplar VNSP – VFX 168 que corresponde a um recipiente decorado (campaniforme).

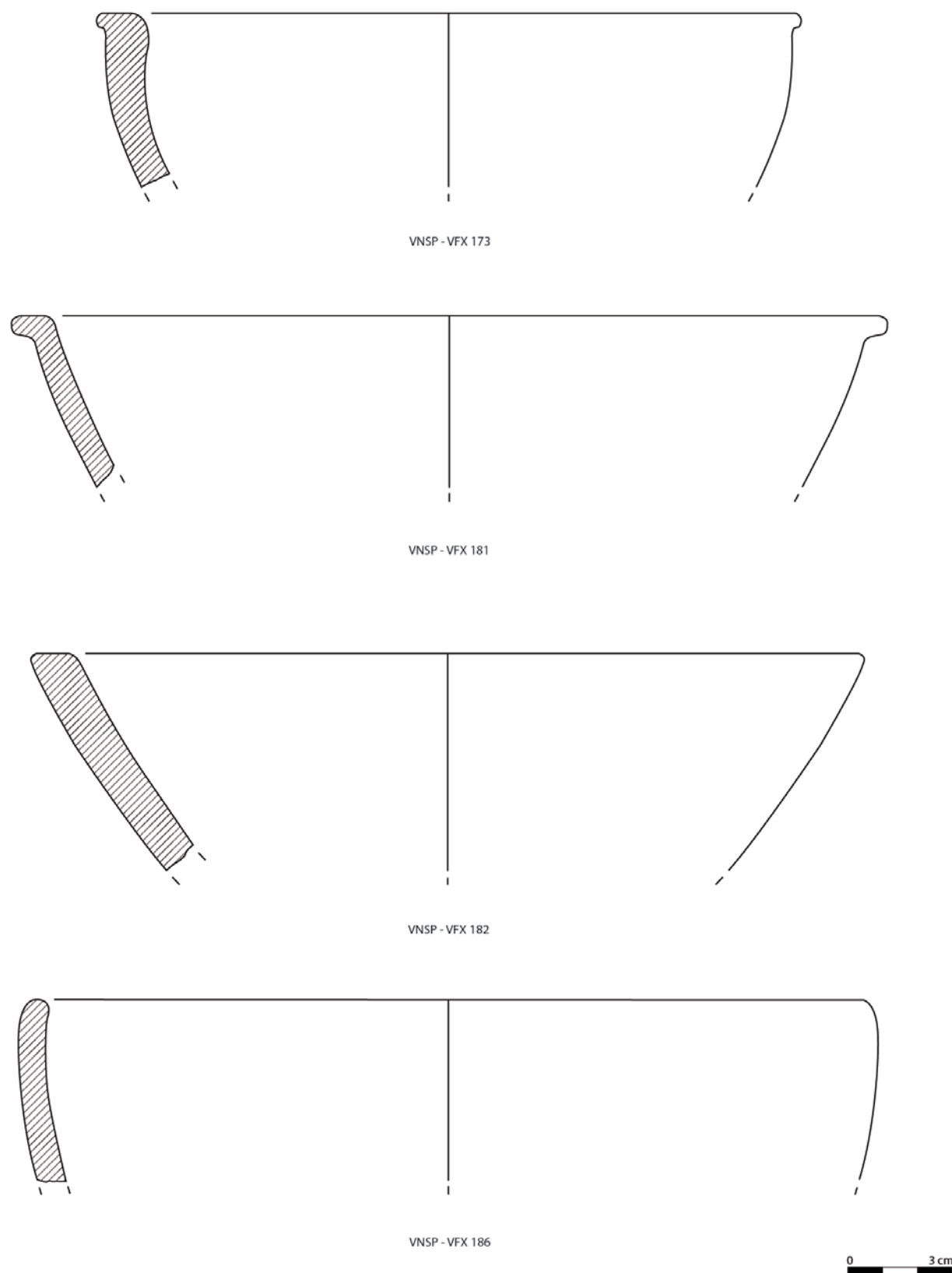


Figura 7 – Cerâmica: recipientes lisos.

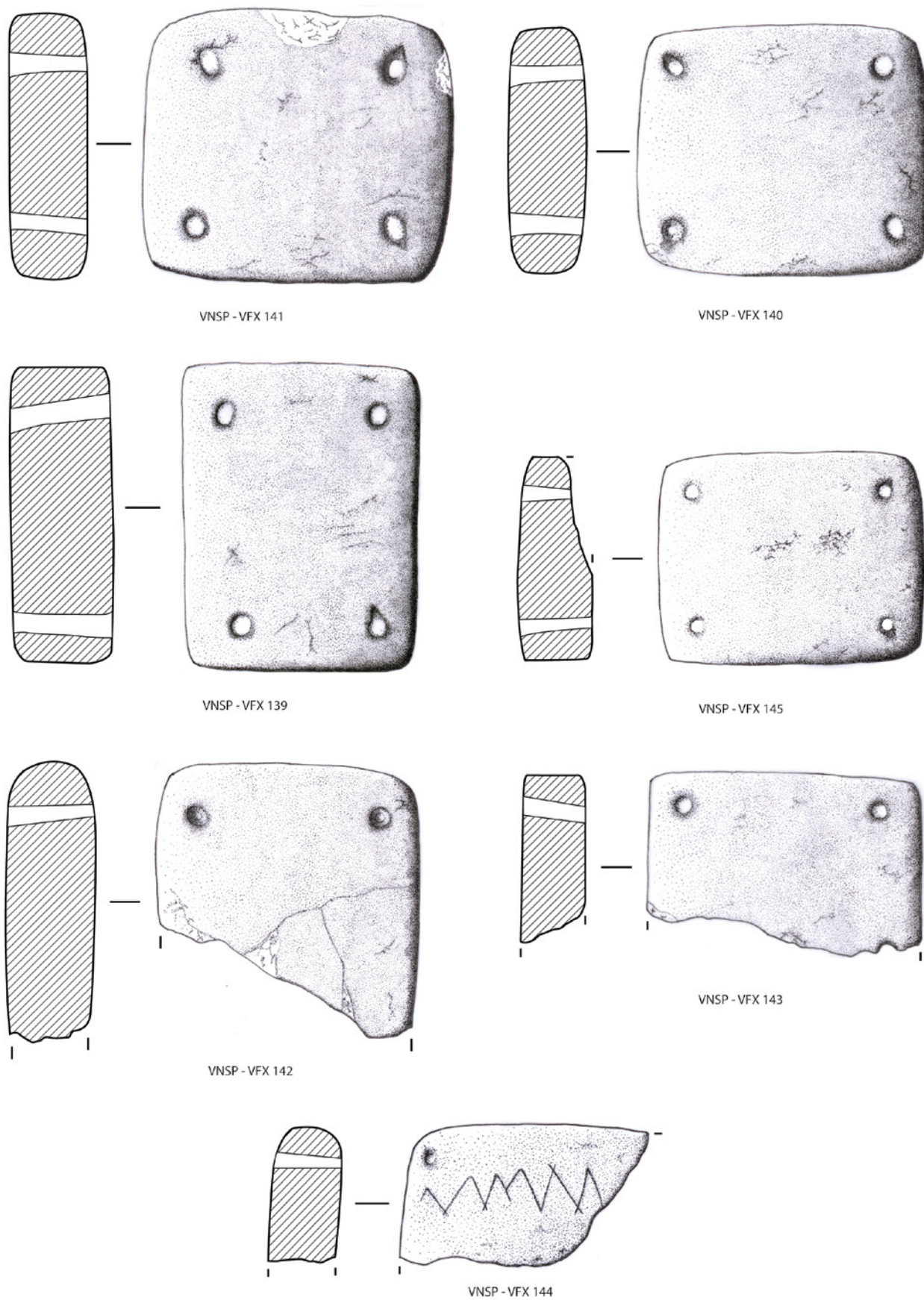


Figura 8 – Cerâmica: pesos de tear. O exemplar VNSP - VFX 144 encontra-se decorado.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA


INSTITUTO
ARQUEOLÓGICO
DIREÇÃO: INEQUILIDADE DE LETRAS - UE
PALÁCIO DE SUB-RIPIAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

COIMBRIGA

 **seminário
maior de coimbra**